



SERIEDADE NA PALAVRA

**CURSO BÁSICO DE TEOLOGIA**  
**MÓDULO I**  
**1º SEMESTRE DE 2015**

**INTRODUÇÃO AO NOVO TESTAMENTO**  
**EPÍSTOLAS GERAIS**

***PR. ROGÉRIO DE ANDRADE CHAGAS***

**INTRODUÇÃO AO NOVO TESTAMENTO**  
**EPÍSTOLAS GERAIS**

---

**ÍNDICE**

INTRODUÇÃO .....	3
HEBREUS .....	4
TIAGO.....	8
1ª PEDRO .....	11
2ª PEDRO .....	14
1ª JOÃO.....	16
2ª JOÃO.....	19
3ª JOÃO.....	20
JUDAS.....	21

# INTRODUÇÃO AO NOVO TESTAMENTO

## EPÍSTOLAS GERAIS

---

### INTRODUÇÃO

As Epístolas Gerais foram escritas durante uma era de perseguição e apostasia. No primeiro século depois de Cristo, os crentes propagavam o evangelho e “gozavam de certa paz”. Entretanto, por volta do ano 60 d.C., as coisas mudaram. Os cristãos passaram a ser incompreendidos pelo grande público, que interpretava erroneamente as doutrinas: de um Deus invisível, de um Salvador ressurreto e de um julgamento futuro que acabaria com os poderes políticos. Por esta razão, durante o reinado do imperador Nero, surgiu uma feroz reação contra os cristãos, ocasião em que ocorreu a prisão e morte do apóstolo Paulo. As Epístolas Gerais são compostas por oito livros: Hebreus, Tiago, I e II Pedro, I, II e III João e Judas. Por que são chamadas de Epístolas Gerais? São chamadas assim porque são de natureza e alcance universais; não se dirigem especificamente a nenhum grupo, indivíduo ou congregação em particular (com exceção de II e III João que tem cunho pessoal). O intuito dos autores era preservar a unidade da fé cristã e encorajar cada crente nos tempos difíceis. Por um tempo a igreja cristã foi unicamente constituída de judeus crentes em Jesus Cristo. Mas, depois os gentios também se converteram a Jesus, fazendo parte da igreja cristã já existente. Observamos isso nas Epístolas Gerais. A expansão da doutrina cristã foi muito grande entre os gentios, mas, a convivência entre os gentios e os judeus cristãos acarretou certos problemas. Os crentes judeus achavam, por exemplo, que eles deviam guardar a Lei Mosaica. O conflito surgiu e ocasionou a reunião do Concílio em Jerusalém (At. 15). Essas epístolas são muito importantes, pois, elas proporcionam um panorama completo da Igreja do Novo Testamento. Cada um dos autores é de origem e experiências distintas, e escreve de maneira diferente um do outro. Os livros que integram as Epístolas Gerais, foram aceitos como livros canônicos até o final do século IV.

## INTRODUÇÃO

*“Não há parte das Escrituras cuja autoria seja mais controversa, nem cuja inspiração seja mais incontroversa”.*

Conybeare e Howson.

### I – Posição Singular no Cânon

A epístola aos Hebreus é singular no NT por muitas razões. Ela não começa como carta, entretanto assim a termina e é claramente endereçada à Itália ou escrita lá (13.24), para um grupo específico, provavelmente cristãos hebreus. Presume-se que originalmente ela se dirigia a uma pequena igreja que se reunia numa casa e, portanto, não tinha vínculo com uma congregação grande e famosa que mantivesse viva a tradição de sua origem e destino. O estilo é o mais literário no NT. A epístola é poética e cheia de citações da Septuaginta. Apresenta um vocabulário rico e utiliza de forma muito precisa os tempos verbais e outros detalhes da língua grega.

Embora bastante judaica em um sentido (ela tem sido comparada a Levítico), as advertências contra a tendência de se desviar da realidade da morte de Cristo para transformá-la num simples ritual religioso são sempre necessárias na cristandade. Daí sua grande importância.

### II – Autoria

Hebreus é anônimo, embora algumas das primeiras edições de Almeida Corrigida Fiel tenham impresso o nome de Paulo como parte do título do livro. A igreja oriental dos primeiros séculos (Dionísio e Clemente, ambos de Alexandria) sugeriu Paulo como autor. Após muitas dúvidas, esse ponto de vista passou a prevalecer a partir da época de Atanásio, de forma que o Ocidente finalmente concordou. Hoje, contudo, poucos sustentariam a autoria de Paulo. O teólogo Orígenes concordou que o conteúdo era de Paulo, e que há algumas influências do apóstolo na epístola, mas o estilo no original é muito diferente do paulino. Isso não descarta a autoria dele, pois um gênio literário pode alterar seu estilo.

Vários autores foram sugeridos através dos anos: Lucas, cujo estilo é similar e que era familiar às pregações de Paulo, além de Barnabé, Silas, Filipe e até Áquila e Priscila.

Lutero sugeriu Apolo, homem que combina com o estilo e o conteúdo do livro: forte no conhecimento do AT e muito eloquente. Alexandria, terra natal de Apolo, era famosa pela retórica. Um argumento contra Apolo é a constatação de que nenhuma tradição de Alexandria preserva tal teoria, situação improvável se uma pessoa natural de Alexandria o tivesse escrito.

Por alguma razão o Senhor considerou adequado manter o autor desconhecido. Uma hipótese é que Paulo escreveu a epístola, mas de propósito escondeu sua autoria devido ao preconceito dos judeus contra ele. Embora isso seja possível, as antigas palavras de Orígenes não podem ser descartadas: "Apenas Deus sabe com certeza quem escreveu a epístola".

### III – Data

Apesar da autoria humana ser anônima, é possível datar a epístola com bastante aproximação.

As evidências externas impõem uma redação do século I, uma vez que Clemente de Roma utilizou o livro em 95 d.C. Embora Policarpo e Justino Mártir citem a carta, eles não nomeiam o

autor. Dionísio de Alexandria cita o livro de Hebreus como escrito por Paulo, e Clemente de Alexandria diz que Paulo o escreveu em hebraico e Lucas o traduziu. Da leitura do livro, contudo, não dá para concluir que é uma tradução. Ireneu e Hipólito achavam que Paulo não escrevera Hebreus, e Tertuliano achava que Barnabé o fizera.

As evidências internas levam a crer que o autor é um cristão da segunda geração (2.3 e 13.7), e assim o livro não seria tão remoto como Tiago ou 1ª Tessalonicenses (cf. Hb. 10.32). Uma vez que não há menção às guerras judaicas (começando em 66 d.C), e os sacrifícios no templo aparentemente ainda continuavam (8.4; 9.6; 12.27; 13.10), impõe-se uma data antes de 66, certamente antes da destruição de Jerusalém no ano 70. As perseguições são mencionadas (12.4), mas os cristãos "*não haviam ainda resistido até o derramamento de sangue*". Se a Itália é o destino da carta, a perseguição sangrenta de Nero (64) faz a carta retroceder, para o mais tardar, meados de 64. É bastante provável uma data entre 63 e 65.

#### **IV – Contexto e Tema**

De modo geral, Hebreus trata da fantástica batalha que ocorre ao se trocar um sistema religioso por outro. Há a violenta ruptura dos antigos laços, os estresses e as tensões do afastamento e as enormes pressões exercidas sobre o renegado para voltar.

Nessa epístola, porém, não se trata apenas do problema de deixar um antigo sistema por um novo de igual valor. Ao contrário, a questão era deixar o judaísmo por Cristo, e, como mostra o autor, isso envolvia substituir o intangível pelo tangível, o ritual pela realidade, o prévio pelo definitivo, o temporário pelo permanente; em suma, o bom pelo melhor.

O problema também incluía trocar o popular pelo impopular, a maioria pela minoria, os opressores pelo oprimido. E isso precipitava muitos problemas sérios.

A carta foi escrita para o povo de origem judaica. Esses hebreus tinham ouvido o evangelho pregado pelos apóstolos e outros irmãos, durante a primeira fase da Igreja, e tinham visto os poderosos milagres do Espírito Santo que confirmavam a mensagem. Eles tinham respondido às boas-novas de três maneiras:

1. Alguns creram no Senhor Jesus e foram genuinamente convertidos.
2. Outros professaram tornar-se cristãos, foram batizados e assumiram seus postos nas igrejas locais, contudo nunca nasceram de novo pelo Espírito Santo de Deus.
3. Outros ainda, indiferentes, rejeitaram a mensagem da salvação.

Esta epístola trata dos dois primeiros casos: os hebreus verdadeiramente salvos e os que nada tinham além de uma fachada de cristianismo.

Quando um judeu deixava a fé de seus antepassados, era visto como vira-casaca e um apóstata (*meshummed*), e muitas vezes era punido com uma ou mais das penas seguintes:

- privação do direito de herança pela família;
- excomunhão da congregação de Israel;
- perda de emprego;
- perda de bens;
- tormento mental e tortura física;
- ridicularização pública;
- prisão;
- martírio.

É evidente que sempre havia uma rota de fuga. Se esse judeu renunciasse a Cristo e voltasse ao judaísmo, seria poupado de novas perseguições. Como se lê nas entrelinhas desta

carta, podemos detectar alguns fortes argumentos usados para persuadi-lo a retornar à antiga fé:

- o rico patrimônio dos profetas;
- o proeminente ministério dos anjos na história do antigo povo de Deus;
- a associação com Moisés, o ilustre legislador;
- laços nacionais com Josué, o brilhante comandante militar;
- a glória do sacerdócio de Arão;
- o sagrado santuário que Deus escolheu para nele habitar entre seu povo;
- a aliança da lei concedida por Deus por meio de Moisés;
- os utensílios divinamente escolhidos no santuário e o magnífico véu;
- os serviços no santuário, especialmente o ritual do grande dia da Expição (*Yom Kippur*, o mais importante dia do calendário judaico).

Podemos praticamente ouvir os judeus do século I apresentando todas essas glórias de sua antiga e ritualística religião e depois perguntando com desdém: "O que vocês, cristãos, têm? Nós temos tudo isso. O que vocês têm? Nada senão uma simples sala, uma mesa e pão e vinho sobre a mesa! Vocês querem dizer que deixaram tudo aquilo por isso?"

A epístola aos Hebreus é realmente uma resposta à pergunta: "*O que vocês têm?*" Em uma palavra, a resposta é Cristo. Em Cristos, temos:

- aquele que é maior do que os profetas;
- aquele que é maior do que os anjos;
- aquele que é maior do que Moisés;
- aquele que é maior do que Josué;
- aquele cujo sacerdócio é superior ao de Arão;
- aquele que serve em melhor santuário;
- aquele que apresentou melhor aliança;
- aquele que é o antítipo dos utensílios típicos e do véu;
- aquele cuja oferta de si, feita uma vez por todas, é superior aos repetidos sacrifícios de bois e cabritos.

Assim como as estrelas perdem o brilho diante da glória maior do sol, também os tipos e a intangibilidade do judaísmo tornam-se insignificantes diante da glória superior da pessoa e da obra de Jesus.

Havia ainda o problema da perseguição. Os que professavam ser seguidores do Senhor Jesus enfrentavam oposição amarga e fanática. Para os verdadeiros cristãos isso poderia conduzir ao desalento e desespero. Eles, portanto, precisavam ser encorajados a ter fé nas promessas de Deus, precisavam de perseverança em vista do futuro galardão.

Para os que eram apenas cristãos nominais havia o perigo da apostasia. Após professar ter recebido Cristo, eles poderiam renunciar a ele completamente e retornar à religião ritualística. Isso era tão ruim quanto pisotear o Filho de Deus, profanando seu sangue e insultando o Espírito Santo. Para esse pecado intencional, não havia arrependimento ou perdão. Contra esse pecado, há repetidas advertências.

Em 2.1, ele é descrito como *desviar-se* da mensagem de Cristo. Em 3.7-19, é o pecado da *provocação*, ou de endurecer o coração. Em 6.6, é o *cair* ou cometer apostasia. Em 10.25, é *deixar de congregar-se*. Em 10.26, é o *pecado deliberado* ou voluntário. Em 12.16, é mencionada a *venda do direito de primogenitura* por uma simples refeição. Finalmente, em

12.25, é chamado *recusa em ouvir* aquele que está falando do céu. Mas todas essas advertências referem-se aos diferentes aspectos do mesmo pecado: a *apostasia*.

A mensagem de Hebreus é oportuna hoje como foi no primeiro século da Igreja. Precisamos ser constantemente lembrados dos privilégios e das bênçãos eternas que são nossas em Cristo. Necessitamos de coragem para perseverar, apesar da oposição e das dificuldades. E todos os que professam ser cristãos precisam ser alertados contra o retorno à religião de cerimoniais depois de ter provado e visto que o Senhor é bom.

## **V – Esboço**

- I. A pessoa de Cristo é superior (1.1—4.13)
  - A. Cristo é superior aos profetas (1.1-3)
  - B. Cristo é superior aos anjos (1.4—2.18)
  - C. Cristo é superior a Moisés e a Josué (3.1—4.13)
- II. O sacerdócio de Cristo é superior (4.14—10.18)
  - A. O sumo sacerdócio de Cristo é superior ao de Arão (4.14—7.28)
  - B. O ministério de Cristo é superior ao de Arão (8)
  - C. A oferta de Cristo é superior aos sacrifícios do Antigo Testamento (9.1—10.18)
- III. Advertências e exortações (10.19—13.17)
  - A. Advertência para não desprezar Cristo (10.19-39)
  - B. Exortação à fé pelos exemplos do Antigo Testamento (11)
  - C. Exortação à esperança em Cristo (12)
  - D. Exortação às várias virtudes cristãs (13.1-17)
- IV. Bênçãos finais (13.18-25)

# TIAGO

## Introdução

*"[Tiago é] pregador, mas fala como profeta. [...] Com exceção dos pronunciamentos de Jesus, a veemência de sua linguagem não tem paralelo na literatura cristã do século I".*

Theodor Zahn

## I – Posição Singular no Cânon

Martinho Lutero estava redondamente enganado quando chamou a epístola de Tiago de "carta de palha"! A oposição ferrenha do reformador aos que ensinavam a salvação pela fé e pelas obras o levou a interpretar equivocadamente os ensinamentos de Tiago. Lutero não foi o único a avaliar de forma indevida a epístola mais antiga. Houve quem a chamasse de "colar de pérolas", sugerindo que não passa de uma sucessão de parágrafos desconexos desenvolvidos em profundidade.

Na verdade, este livro curto é uma obra-prima da literatura didática. Possui um tom claramente judaico e chega a se referir à assembleia de cristãos (2.2) como "sinagoga", termo de origem grega usado inicialmente para se referir a congregações em geral, que pouco tempo depois passaria a designar apenas as congregações judaicas, como hoje.

Em cinco capítulos curtos, Tiago recorre trinta vezes à natureza para ilustrar verdades espirituais, característica que faz lembrar os ensinamentos de Jesus.

Esta epístola bastante prática trata de alguns assuntos que certamente não agradam a todos os leitores: a necessidade de controlar a língua, o perigo de bajular os ricos e a importância de demonstrar a fé pelo modo de viver.

## II – Autoria

Vários nomes bíblicos sofreram alterações na tradução do hebraico para o grego, latim e outras línguas. Nenhum deles é tão diferente do original quanto Tiago, tradução do nome grego *lakobos*, que vem do hebraico *Yaakov* (Jacó). Havia muitos judeus com o nome Yaakov, e o NT fala de quatro indivíduos assim denominados. Todos eles foram considerados possíveis autores desta epístola, mas com diferentes graus de probabilidade e corroboração acadêmica.

1. Tiago, o apóstolo, filho de Zebedeu e irmão de João (Mt. 4.21). Se o apóstolo Tiago fosse o autor, a aceitação da carta não teria demorado tanto (cf. a seguir). Ademais, ele foi martirizado em 44 d.C., provavelmente antes da redação desta epístola.

2. Tiago, filho de Alfeu (Mt. 10.3). Exceto pela presença de seu nome nas listas dos apóstolos, é praticamente desconhecido. O fato do autor referir-se a si mesmo como "Tiago", sem nenhum título distintivo, mostra que era bastante conhecido na época.

3. Tiago, pai de Judas (não Iscariotes; Lc. 6.16). Por ser ainda mais desconhecido, é razoável descartá-lo como autor da carta.

4. Tiago, o meio-irmão do Senhor (Mt. 13.55; Gl. 1.19). Quase certamente é o autor. Era bastante conhecido, porém modesto, uma vez que não menciona seu parentesco com Cristo (cf. tb. a Introdução à epístola de Judas). Foi ele quem presidiu o Concílio de Jerusalém e passou os últimos dias de vida nessa cidade. Era conhecido como um cristão judeu zeloso, de estilo de vida extremamente austero. Em resumo, é lembrado pela história (Josefo) e pela tradição da Igreja como cristão qualificado para escrever esta epístola.



### ***Evidências Externas***

A epístola de Tiago é uma das que possuem menos testemunhos externos; é apenas mencionada, mas não citada de forma direta, pelos primeiros pais da Igreja. Também não faz parte do cânon muratoriano<sup>1</sup>, provavelmente pelo fato de ter sido enviada de Jerusalém aos judeus orientais e porque, para muitos, dá a impressão de contradizer Paulo acerca da justificação pela fé.

Não obstante, Tiago é citado por Cirilo de Jerusalém, Gregório de Nazianzo, Atanásio e Jerônimo. Eusébio informa que era um dos livros contestados (antilegomena) por alguns cristãos, mas ele o cita como parte das Escrituras Sagradas.

### ***Evidências Internas***

Tiago apresenta fortes evidências internas. Harmoniza com aquilo que Atos e Gálatas revelam sobre o estilo de Tiago e também com a história da dispersão, relatada em outras fontes. Não haveria motivos para forjar um livro como este, que não contém nenhum acréscimo doutrinário importante (como ocorre com todas as obras heréticas escritas no século II). De acordo com Josefo, Tiago conquistou sólida reputação entre os judeus devido a sua devoção à lei, mas foi martirizado por contrariar as proibições da época e dar testemunho do Messias. Esse historiador judeu afirma que Tiago foi apedrejado por ordem do sumo sacerdote Ananias. Pelo relato de Eusébio, Tiago foi lançado do pináculo do templo e espancado com porretes até a morte. Hegésipo combina as duas tradições.

O argumento segundo o qual o estilo grego da epístola de Tiago é "esmerado demais" para um judeu palestino reflete uma ignorância imprópria acerca dos talentos intelectuais extraordinários do povo escolhido.

### **III – Data**

Josefo afirma que Tiago foi morto em 62 d.C., de modo que a carta é anterior a essa data. Tendo em vista a ausência de qualquer menção às decisões tomadas no concílio de Jerusalém (48 ou 49 d.C.) presidido por Tiago (At. 15), costuma-se datá-la entre 45 e 48 d.C.

### **IV – Contexto e Tema**

Tiago talvez tenha sido o primeiro livro escrito do NT e, portanto, possui um tom claramente judaico. Não obstante, seus ensinamentos não devem ser relegados a uma época passada, pois são aplicáveis e ainda relevantes aos dias atuais.

A atualidade dos temas se deve ao fato de Tiago ter-se baseado em grande escala nos ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte, como se pode ver claramente nestas comparações:

<b>Tema</b>	<b>Tiago</b>	<b>Paralelo com Mateus</b>
Adversidade	1.2,12; 5.10	5.10-12
Oração	1.5; 4.3; 5.13-18	6.6-13

<sup>1</sup> Em 1740, foi publicada uma lista dos livros do Novo Testamento em latim por Lodovico Antonio Muratori, distinto antiquário e teólogo em sua época, a partir de um códice copiado no século VII ou VIII no Mosteiro de Bobbio, na Lombardia, mas que depois veio a ser guardado na Biblioteca Ambrosiana (da qual Muratori fora, por algum tempo, curador), em Milão. Continua armazenada lá, sob o número de catálogo J 101 sup., fólhos 10a-11a. O documento é melhor entendido como uma lista de livros do Novo Testamento reconhecidos como portadores de autoridade escritural pela igreja romana da época. Além de listar os livros, faz várias observações sobre eles, refletindo a opinião contemporânea de alguns líderes eclesiásticos.

Fonte: <http://porquecreio.blogspot.com.br/2012/04/o-fragmento-muratoriano.html>.

Os bons olhos	1.8; 4.8	6.22-23
Riquezas	1.10-11; 2.6-7	6.19-21,24-34
Ira	1.19-20	5.22
A lei	1.25; 2.1,12-13	5.17-44
Mera profissão	1.26-27	6.1-18
A lei régia	2.8	7.12
Misericórdia	2.13	5.7
Fé e obras	2.14-26	7.15-27
Raiz e frutos	3.11-12	7.16-20
A verdadeira sabedoria	3.13	7.24
O pacificador	3.17-18	5.9
Julgar outros	4.11-12	7.1-5
Tesouros enferrujados	5.2	6.19
Juramentos	5.12	5.33-37

Tiago refere-se à lei com frequência. Chama-a de “lei perfeita” (1.25), “lei régia” (2.8) e “lei da liberdade” (2.12). Não ensina que seus leitores precisam se sujeitar à lei como meio de salvação ou regra de vida. Antes, cita partes da lei como "educação na justiça" daqueles que vivem sob o regime da graça. Outra palavra-chave em Tiago é irmãos. Ocorre dez vezes e nos lembra que Tiago escreve para cristãos, embora pareça, ocasionalmente, dirigir-se também a incrédulos.

A carta se assemelha a Provérbios no estilo irregular, intenso, vívido e difícil de esquematizar. A palavra sabedoria aparece reiteradamente. Em alguns sentidos, é a carta mais autoritária do NT, pois contém mais instruções do que todos os outros escritos. Encontramos, no curto espaço de cento e oito versículos, nada menos que cinquenta e quatro imperativos.

## **V – Esboço**

I - Saudação (1.1)

II - Provações e tentações (1.2-17)

III - A palavra de Deus (1.18-27)

IV - Favoritismo condenável (2.1-13)

V - Fé e obras (2.14-26)

VI - Uso e abuso da língua (3.1-12)

VII - A verdadeira e a falsa sabedoria (3.13-18)

VIII - A causa e a cura da cobiça (4)

IX - Os ricos e seu remorso futuro (5.1-6)

X - Exortação à paciência (5.7-12)

XI - Oração e cura dos enfermos (5.13-20)

# 1ª PEDRO

## **Introdução**

*“Se não soubéssemos quem escreveu a carta, seríamos obrigados a dizer: Eis um homem semelhante a uma rocha, cujas palavras refletem seu caráter, cuja alma se encontra firmada sobre um alicerce inabalável, e cujo testemunho poderoso visa a fortalecer a alma de outros para resistir às pressões das tempestades de sofrimento que se aproximavam e fundamentá-los na verdadeira rocha”.*

Wiesinger

## **I – Posição Singular no Cânon**

Cristãos que vivem em países muçulmanos e marxistas estão de tal modo acostumados com a repressão, hostilidade e perseguição aberta que praticamente os esperam. Para eles, 1ª Pedro é um texto de grande valor prático, pois os ajuda a aceitar o sofrimento como algo permitido pelo Senhor e benéfico para produzir determinadas qualidades desejáveis como a perseverança.

Os cristãos do Ocidente, especialmente dos países de língua inglesa com forte tradição bíblica, ainda não se adaptaram à oposição pública à fé. Até pouco tempo atrás, o Estado aprovava a família como elemento fundamental da sociedade e incentivava os cidadãos a frequentarem a "igreja de sua preferência". Mas a situação mudou. O governo, especialmente local, parece usar seus juízes, instituições de ensino e, em particular, a mídia, para apresentar uma imagem deturpada dos cristãos fieis à Palavra e até ridicularizá-los e difamá-los. O rádio, a televisão, filmes, jornais, revistas e comunicados oficiais promovem imoralidade, bebidas alcóolicas, traição e até mesmo blasfêmias. O cristianismo se tornou a "contracultura" e, quanto antes os cristãos aprenderem as lições que o apóstolo Pedro ensina em sua primeira epístola, mais preparados estarão para o novo contexto do século XXI.

## **II – Autoria**

### ***Evidências externas***

As evidências externas de que Pedro escreveu esta epístola são antigas e praticamente universais. Eusébio conta 1ª Pedro entre os livros aceitos por todos os cristãos (*homologoumena*). Policarpo e Clemente de Alexandria o consideram autêntico. O fato de não aparecer no "cânon" de Márcion não deve causar surpresa, pois ele aceitou somente as cartas de Paulo. O cânon muratoriano não inclui 1ª Pedro, mas é possível que seja devido à natureza fragmentária desse documento.

É bem possível que 2ª Pedro 3.1 seja a atestação mais antiga de 1ª Pedro. Mesmo quem nega a autoria petrina de 2ª Pedro (cf. introdução a 2ª Pedro) considera a epístola antiga o suficiente para validar seu testemunho em favor de 1ª Pedro, caso 2ª Pedro 3.1 se refira, de fato, a esta primeira carta.

### ***Evidências internas***

O excelente nível do grego empregado na carta é uma evidência interna que provoca dúvida quanto à autoria petrina. Um pescador galileu seria capaz de escrever tão bem? Muitos dizem que não. Como nossa cultura mostra através de vários exemplos, no entanto, pessoas com habilidade linguística natural podem desenvolver o uso da linguagem de forma

extraordinária sem instrução formal em universidade ou seminário. Pedro tinha trinta anos de experiência como pregador, sem falar na inspiração do Espírito Santo e, provavelmente, na contribuição de Silvano para a redação da carta. Quando Atos 4.13 diz que Pedro e João eram "iletrados e incultos", refere-se apenas a sua falta de instrução rabínica.

A primeira epístola de Pedro faz diversas referências à vida e ao ministério do apóstolo, como evidenciam os detalhes a seguir:

Em 1.8 o autor deixa implícito que viu Jesus de forma diferente da experiência de seus leitores. Diz: "*A quem, não havendo visto, amamos*", e não "amamos". Como observaremos em outras passagens, o autor havia desfrutado da companhia do Senhor.

Ao apresentar Cristo como Pedra Angular, 1ª Pedro 2:1-10 remete ao episódio em Cesaréia de Filipe (Mt. 16.13-20). Quando Pedro confessou Jesus como o Cristo e o Filho do Deus vivo, o Senhor Jesus anunciou que sua igreja seria construída sobre esse alicerce, a saber, o fato de que Cristo é o Filho do Deus vivo. Ele é a Pedra Angular e o Alicerce da Igreja.

A referência às pedras que vivem, em 2.5, traz à memória o episódio descrito em João 1.42, no qual o nome de Simão é mudado para Cefas (aramaico) ou Pedro (grego), isto é, pedra. Por meio da fé em Cristo, Pedro se tornou uma pedra viva. Não é de surpreender, portanto, que discorra sobre pedras no capítulo 2. Em 2.7, o autor cita Salmos 118.22: "*A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular*", a mesma passagem que Pedro mencionou ao ser interrogado perante as autoridades, anciãos e escribas em Jerusalém (At. 4.11).

A instrução do apóstolo para que seus leitores se sujeitem às autoridades governamentais (2.13-17) lembra o episódio em que o próprio Pedro se rebelou e cortou a orelha do servo do sacerdote (Jo. 18.10). O conselho do apóstolo não só é inspirado, como corroborado por sua experiência pessoal!

O capítulo 2.21-24 parece indicar um conhecimento de primeira mão do julgamento e da morte do Senhor Jesus. Pedro nunca se esqueceu da resignação mansa e do sofrimento silencioso do Salvador. Em 2.24, encontramos uma referência à forma de execução do Salvador: a crucificação. A descrição assemelha-se às palavras do próprio Pedro em Atos 5.30 e 10.39.

Quando instrui seus leitores a se converterem ao Pastor e Bispo de suas almas (2.25), é possível que tenha em mente a própria restauração (Jo. 21.15-19) depois de haver negado o Senhor.

A lembrança de que "*o amor cobre multidão de pecados*" (4.8) pode se referir à pergunta de Pedro: "*Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes*", ao que Jesus lhe respondeu: "*Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete*" (Mt. 18.21-22). Em outras palavras, um sem-número de vezes.

De acordo com 4.16, quem sofre como cristão não se deve envergonhar, mas sim glorificar a Deus com esse nome. Compare essa declaração com Atos 5.40-42, em que Pedro e os demais apóstolos, depois de terem sido açoitados "*se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome*".

O autor da epístola se identifica como testemunha dos sofrimentos de Cristo (5.1). A expressão "*co-participante da glória que há de ser revelada*" pode ser uma alusão à transfiguração. Como sabemos, Pedro estava presente nas duas ocasiões.

O conselho pastoral e amável para "*[pastorear] o rebanho de Deus que há entre vós*" (5.2) traz à memória as palavras de Jesus a Pedro: "*Apascenta os meus cordeiros [...] Pastoreia as minhas ovelhas [...] Apascenta as minhas ovelhas...*" (Jo. 21.15-17).

A expressão em 5.5 "*cingi-vos todos de humildade*" lembra João 13, em que Jesus se cingiu com a toalha do servo e lavou os pés de seus discípulos. Na verdade, a seção sobre

orgulho e humildade (5.5-6) se torna ainda mais significativa quando nos lembramos da arrogância de Pedro ao declarar que jamais trairia o Senhor (Mc. 14.29-31) e quando, logo em seguida, nega o Salvador três vezes (Mc. 14.67-72).

Por fim, é possível que 5.8 também esteja ligado à experiência pessoal de Pedro: "*O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar*". Talvez ao escrever essas palavras, Pedro tivesse em mente a circunstância em que Jesus lhe disse: "*Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo*" (Lc. 22.31).

### **III – Data**

Muitos consideram a afirmação de que o governo é, em geral, benéfico para quem deseja fazer o que é certo (1ª Pe. 2.13-17) conciliatória demais para ter sido escrita depois do início da perseguição feroz aos cristãos empreendida por Nero (64 d.C). De qualquer modo, a carta não foi escrita muito antes ou depois desse período, provavelmente em 64 ou 65 d.C.

### **IV – Contexto e Tema**

Como observamos antes, Pedro trata particularmente do sofrimento na vida cristã. Até então, seus leitores haviam sido ultrajados e ridicularizados por causa de Cristo (4.14-15). Ao que parece, a prisão, o confisco dos bens e a morte violenta ainda eram tribulações que estavam por vir. Mas esta carta magnífica não trata apenas do sofrimento. Fala das bênçãos herdadas por aqueles que aceitam o evangelho e de como os cristãos devem relacionar-se com o mundo, o estado, a família e a igreja. Também fornece instruções sobre os presbíteros e a disciplina eclesiástica.

O apóstolo escreve da "Babilônia". O nome pode se referir literalmente à cidade junto ao rio Eufrates, onde havia uma comunidade judaica, ou figurativamente à Babilônia espiritual, ou seja, a cidade de Roma à beira do rio Tiber. Os destinatários se encontram nas províncias orientais da atual Turquia.

### **V – Esboço**

- I - Os privilégios e os deveres do cristão (1.1—2.10)
  - A) Saudação (1.1-2)
  - B) Sua posição como cristão (1.3-12)
  - C) Sua conduta à luz dessa posição (1.13—2.3)
  - D) Seus privilégios na nova casa e sacerdócio (2.4-10)
- II - Os relacionamentos do cristão (2.11—4.6)
  - A) Como peregrino em relação ao mundo (2.11-12)
  - B) Como cidadão em relação ao governo (2.13-17)
  - C) Como servo em relação ao senhor (2.18-25)
  - D) Como esposa em relação ao marido (3.1-6)
  - E) Como marido em relação à esposa (3.7)
  - F) Como irmão em relação à congregação (3.8)
  - G) Como sofrer em relação aos perseguidores (3.9-4.6)
- III – O serviço e o sofrimento do cristão (4.7-5.14)
  - A) Imperativos urgentes para os últimos dias (4.7-11)
  - B) Exortações e explicações acerca do sofrimento (4.12-19)
  - C) Exortações e saudações (5.1-14)

## 2ª PEDRO

### **Introdução**

*"[A segunda epístola de Pedro] irradia a Pessoa de Cristo e aguarda sua consumação".*

E. C. Homrighausen

F.

### **I – Posição Singular no Cânon**

A citação introdutória acima é especialmente expressiva porque seu autor, como tantos hoje, nega que foi Pedro quem escreveu a epístola. Também reconhece que se trata de um texto "petrino em caráter e espírito". Por ironia, essas duas declarações resumem de forma bastante sucinta a contribuição única de 2ª Pedro.

Em meio à propagação das trevas da apostasia, esta breve epístola olha para o futuro, para a vinda do Senhor. Traz à memória a vida e a personalidade de Pedro, mas, de fato, irradia a Pessoa de Cristo a todos os que permitem que esta pequena carta fale por si mesma.

### **II – Autoria**

Conforme disse um importante estudioso do NT: *"Como Daniel e Isaías no AT, 2ª Pedro é o divisor de águas entre adultos e crianças no tocante à ortodoxia rigorosa na crítica bíblica"*. Não é raro comentaristas modernos procurarem contestar a autoria petrina de 2ª Pedro e pressupor como fato comprovado que Pedro não escreveu a epístola. A aceitação da autenticidade desta carta é mais problemática que a de qualquer outro livro do NT. Na realidade, porém, as objeções não são tão fortes quanto parecem.

### **Evidências externas**

Policarpo, Inácio e Irineu não citam 2ª Pedro. Se, contudo, Judas é posterior a 2ª Pedro, como ensinava a igreja primitiva, encontramos uma atestação do século I para 2ª Pedro na Epístola de Judas (cf. Introdução a Judas). O estudioso alemão Zahn a considera suficiente. Depois de Judas, o próximo a citar 2ª Pedro é Orígenes, seguido de Metódio de Olimpo (martirizado pelo imperador Diocleciano) e Fumiliano de Cesaréia. Eusébio reconheceu que a maioria dos cristãos aceitava 2ª Pedro, embora ele próprio não estivesse plenamente convencido.

O cânon muratoriano não traz 2ª Pedro, mas também não inclui 1ª Pedro, e além disso é um documento fragmentário. Apesar de estar ciente das dúvidas acerca da autenticidade de 2ª Pedro, Jerônimo, juntamente com os outros dois grandes pais da igreja, Atanásio e Agostinho, considerava a carta genuína. A igreja como um todo seguiu essa linha até o tempo da Reforma.

Por que 2ª Pedro possui atestação externa tão fraca em comparação com outros livros? Em primeiro lugar, trata-se de um livro curto e, ao que parece, com poucas cópias; também não possui muito conteúdo novo. Esse último ponto serve de argumento em favor de sua autenticidade, pois os livros heréticos sempre acrescentavam doutrinas que contradiziam, ou pelo menos complementavam de forma estranha, os ensinamentos apostólicos. É possível, portanto, que este seja o principal motivo pelo qual 2ª Pedro era tratado com tanta cautela nos primeiros séculos. Na época, não faltavam "pseudo-epígrafos" (escritos falsos), como "O Apocalipse de Pedro", que usavam o nome do apóstolo para promover heresias gnósticas.

Por fim, é importante saber, que apesar de 2ª Pedro ser um dentre vários livros colocados em dúvida por alguns (*antilegomena*), ele nunca foi rejeitado como espúrio por nenhuma igreja.

### ***Evidências internas***

Aqueles que rejeitam a autoria petrina enfatizam a diferença de estilo entre 1ª e 2ª Pedro. De acordo com a explicação de Jerônimo, ela se deve ao fato de Pedro ter usado amanuenses distintos. A diferença entre as duas cartas, porém, não é tão grande quanto sua dessemelhança em relação ao restante do NT. As duas epístolas empregam um vocabulário amplo e vívido, que coincide em vários aspectos com os sermões de Pedro em Atos e com acontecimentos de sua vida.

As referências da carta a eventos do passado de Pedro são usadas como argumentos favoráveis e contrários à autoria tradicional. Alguns dos estudiosos que rejeitam a autoria petrina afirmam que deveria haver mais alusões; outros dizem que há um excesso de alusões e, portanto, a carta só pode ser falsa! Que motivos alguém teria para forjar um livro como 2ª Pedro? Aqueles que rejeitam sua autenticidade se mostraram extremamente criativos na tentativa de formular teorias, mas não foram capazes de apresentar nenhum argumento satisfatório. Ao estudar a epístola, porém, descobrimos várias evidências internas de que ela foi, de fato, escrita por Pedro.

Em 1.3, o autor diz que os cristãos foram chamados para a glória e virtude do Senhor. Essa afirmação remete a Lucas 5.8, em que Pedro ficou tão maravilhado com a glória do Senhor que clamou: "*Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador*".

Quando o autor prescreve medidas para que seus leitores não venham a tropeçar (1.5-10), lembramos de imediato a queda de Pedro e a tristeza que esta lhe trouxe.

O versículo 14 do capítulo 1 é particularmente importante, pois mostra que o escritor recebeu do Senhor Jesus uma revelação acerca de sua própria morte. A declaração se encaixa perfeitamente com João 21.18-19, em que Jesus revelou a Pedro que o apóstolo seria morto em idade avançada.

Os termos "tabernáculo" (ou "tenda") e "partida" (ou "êxodo") em 1.13-15 também são empregados por Lucas no relato da transfiguração (Lc. 9.31-33).

Uma das provas mais convincentes da autoria petrina é a referência à transfiguração em 1.16-18. Uma vez que o autor estava presente no monte sagrado, a carta só pode ter sido escrita por Pedro, Tiago ou João (Mt. 17.1). A introdução da carta indica que seu autor é Pedro (1.1), e não Tiago ou João.

Em 2.14,18 encontramos o verbo "engodar", uma tradução de *deleagō*, atrair com engodo, isca. O termo faz parte do vocabulário de um pescador e, portanto, é especialmente apropriado a Pedro.

Em 3.1 o autor se refere a uma carta anterior, provavelmente 1ª Pedro. Em 3.15 fala de Paulo em termos bastante pessoais, de modo coerente com a relação entre os apóstolos.

O versículo 17 do capítulo 3 traz uma palavra que remete à experiência de Pedro. "Firmeza" vem da mesma raiz de "fortalecer", o verbo usado por Jesus em Lucas 22.32: "*Quando te converteres, fortalece os teus irmãos*". Também é traduzido por "firmar" em 1ª Pedro 5.10 e "confirmados" em 2ª Pedro 1.12.

Por fim, como nas epístolas pastorais, temos a impressão de que a condenação mordaz dos apóstatas por Pedro explica parte considerável da hostilidade moderna contra 2ª Pedro como produto genuíno da vida e da pena do apóstolo.

Ao estudar a epístola, podemos encontrar outras evidências internas que a associam ao apóstolo Pedro. O mais importante, porém, é entender o que o Senhor nos diz por meio desta carta.

### **III – Data**

A datação de 2ª Pedro depende, evidentemente, da questão de sua autenticidade. Quem acredita que a carta é uma falsificação escolhe datá-la do século II. Tendo em vista nossa conclusão de que a igreja estava correta ao reconhecer a canonicidade de 2ª Pedro, tanto do ponto de vista histórico quanto espiritual, podemos datá-la de pouco antes da morte do apóstolo (67 ou 68 d.C), ou seja, de 66 ou 67.

### **IV – Contexto e Tema**

Duas linhas antagônicas podem ser observadas ao longo de todo o texto: a palavra profética (1.19-21) e a licenciosidade (cap. 2). Pedro vê surgir no horizonte os falsos mestres com suas "heresias destruidoras" que permitem um modo de vida libertino e ridicularizam o julgamento vindouro (3.1-7). Aquilo que no tempo de Pedro era vislumbrado como futuro pode ser visto infiltrando-se na igreja no tempo de Judas (v. 4). Quando a cristandade perdeu seu amor pela vinda de Cristo e se acomodou no mundo (de Constantino em diante), os valores morais da igreja decaíram assustadoramente. O mesmo se aplica aos dias de hoje. O reavivamento do interesse no conteúdo profético das Escrituras visto no século XIX praticamente desapareceu de vários círculos, e a vida licenciosa de algumas igrejas mostra que Pedro foi inspirado a escrever sobre verdades de grande relevância para toda a era cristã.

### **V – Esboço**

I - Saudação (1.1-2)

II - Chamado para desenvolver um caráter cristão firme (1.3-21)

III - Predição do surgimento de falsos mestres (2)

IV - Predição do surgimento de escarnecedores (3)

## **1ª JOÃO**

### **Introdução**

*“Não somos chamados a imitar Cristo em sua caminhada sobre as águas, mas em sua caminhada comum”.*

Martinho Lutero

### **I – Posição Singular no Cânon**

A primeira epístola de João é como um álbum de fotografias de família. Descreve aqueles que são membros da família de Deus. Como os filhos são parecidos com os pais, também os filhos de Deus se parecem com ele. Esta carta descreve as semelhanças. Quando alguém se torna filho de Deus, recebe a vida de Deus, vida eterna. Todos os que têm essa vida a manifestam de formas inequívocas. Reconhecem que Jesus Cristo é seu Senhor e Salvador, amam a Deus, amam aos filhos de Deus, obedecem aos mandamentos de Deus e não vivem em pecado. Eis, portanto, algumas das características da vida eterna. João escreveu esta epístola para que os membros da família de Deus possam saber que possuem a vida eterna (1ª João. 5.13).



A primeira epístola de João é incomum em vários sentidos. Apesar de ser, de fato, uma carta enviada a alguém, não cita o nome do autor nem do destinatário. Sem dúvida, as duas partes se conheciam bem. Outra característica que chama a atenção neste magnífico livro é o fato de verdades espirituais extremamente profundas serem expressas em frases curtas e simples, com um vocabulário igualmente desprezioso. Quem disse que uma verdade profunda precisa ser enunciada com frases complicadas? Infelizmente, alguns sermões ou textos elogiados por sua "profundidade" talvez sejam apenas obscuros ou confusos.

O texto de 1ª João merece longas meditações e estudo sincero. O estilo aparentemente repetitivo na verdade apresenta algumas diferenças sutis e são justamente essas nuances de sentido que precisam ser observadas.

## **II – Autoria**

As evidências externas em favor da autoria de 1ª João são antigas e convincentes. João, o autor do quarto Evangelho, é citado especificamente como autor da epístola por Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Orígenes e seu discípulo Dionísio.

Como o autor de Hebreus, o escritor de 1ª João não menciona seu nome. Ao contrário de Hebreus, porém, 1ª João possui evidências internas convincentes de sua autoria.

Os quatro primeiros versículos mostram que o escritor conhecia bem a Jesus e passou tempo com ele, fato que reduz consideravelmente as possibilidades de autoria e coincide com a tradição que aponta para o apóstolo João.

A tradição é corroborada pelo tom apostólico da carta: o autor escreve com autoridade, com o carinho de um líder espiritual mais velho ("filhinhos") e até mesmo de forma dogmática.

Os conceitos e termos empregados pelo autor ("permanecer", "luz", "novo", "mandamento", "Verbo", "vida eterna", "dar a vida", "passar da morte para a vida", "Salvador do mundo", "tirar os pecados", "obras do diabo" e outros) coincidem com o quarto evangelho e com as outras duas epístolas de João.

Semelhantemente, o estilo hebraico de paralelismo e estrutura simples das frases caracteriza tanto o evangelho quanto esta epístola. Em resumo, se consideramos o apóstolo João autor do quarto evangelho, não devemos ter dificuldade em lhe atribuir também a autoria desta epístola.

## **III – Data**

Há quem considere que João escreveu suas três cartas canônicas na década de 60 em Jerusalém, antes de os romanos destruírem a cidade. É mais comum, porém, datar seus textos do final do século I (80-95 d.C.) O tom paternal das epístolas é coerente com a tradição antiga, segundo a qual o apóstolo João, já idoso, dizia quando era carregado para o meio de uma congregação: "Filhinhos, amai-vos uns aos outros".

## **IV – Contexto e Tema**

João escreveu na época do surgimento de uma seita conhecida como gnosticismo (do grego, *gnosis* = conhecimento). Os gnósticos se diziam cristãos, mas afirmavam possuir conhecimento adicional, superior aos ensinamentos dos apóstolos. Para eles, uma pessoa só encontrava a plenitude depois de ser iniciada nessas "verdades" mais profundas. Alguns ensinavam que a matéria era maligna e, portanto, que o Homem Jesus não podia ser Deus. Faziam distinção entre Jesus e Cristo. "O Cristo" era a emanação divina que desceu sobre Jesus em seu batismo e o deixou antes de sua morte, talvez no jardim do Getsêmani. De acordo com os gnósticos, Jesus morreu de fato, mas Cristo não morreu. Como explica Michael Green, eles

insistiam em que "o Cristo celestial era santo e espiritual demais para se contaminar pelo contato permanente com a carne humana". Em resumo, negavam a encarnação, que Jesus era Cristo e que Jesus Cristo era Deus e Homem. João sabia que os gnósticos não eram cristãos verdadeiros e advertiu seus leitores a esse respeito. Mostrou que os adeptos do gnosticismo não possuíam as características de verdadeiros filhos de Deus.

De acordo com o apóstolo, um indivíduo é filho de Deus ou não é; não existe um estágio intermediário. Por isso a epístola é repleta de opostos como luz e trevas, amor e ódio, verdade e mentira, morte e vida, Deus e o diabo. Ao mesmo tempo, devemos observar que o apóstolo gosta de descrever as pessoas de acordo com seu comportamento habitual. Ao discernir entre cristãos e não-cristãos, por exemplo, não baseia sua conclusão num ato pecaminoso isolado, mas naquilo que caracteriza a pessoa. Até um relógio quebrado indica a hora certa duas vezes a cada vinte e quatro horas! O relógio que funciona corretamente, porém, indica a hora certa o tempo todo. Assim, o comportamento diário e geral de um cristão é santo e justo, e indica que ele é filho de Deus. João usa repetidamente a palavra "conhecer" e termos relacionados. Os gnósticos diziam conhecer a verdade, mas o apóstolo apresenta os fatos acerca da fé cristã que podem ser conhecidos com certeza. Descreve Deus como luz (1.5); amor (4.8,16); verdade (5.6) e vida (5.20). Isso não significa que Deus não é uma Pessoa; antes, mostra que Deus é a fonte dessas quatro bênçãos. João também diz que Deus é justo (2.29; 3.7), puro (3.3) e sem pecado (3.5).

Apesar de usar palavras simples, João expressa ideias profundas e, por vezes, difíceis de entender. Ao estudar este livro, devemos, portanto, pedir ao Senhor que nos ajude a compreender o significado de sua palavra e obedecer à sua verdade revelada.

## **V – Esboço**

- I - Prólogo: A comunhão cristã (1.1 -4)
- II - Formas de manter a comunhão (1.5—2.2)
- III - Características dos participantes da comunhão cristã (1ª parte): obediência e amor (2.3-11)
- IV - Estágios do crescimento na comunhão (2.12-14)
- V - Dois perigos para a comunhão: o mundo e os falsos mestres (2.15-28)
- VI - Características dos participantes da comunhão cristã (2ª parte): justiça, amor e a certeza resultante (2.29—3.24)
- VII - A necessidade de discernir entre verdade e erro (4.1 -6)
- VIII - Características dos participantes da comunhão cristã (3ª parte) (4.7—5.20)
  - A) Amor (4.7-21)
  - B) Sã doutrina (5.1 a)
  - C) Amor e obediência resultantes (5.1 b-3)
  - D) Fé que vence o mundo (5.4-5)
  - E) Sã doutrina (5.6-12)
  - F) Certeza por meio da palavra (5.13)
  - G) Confiança ao orar (5.14-17)
  - H) Conhecimento das realidades espirituais (5.18-20)
- IX - Apelo final (5.21)

## 2ª JOÃO

### **Introdução**

*"[A segunda epístola de João] revela-nos um novo aspecto do apóstolo: mostra-o como pastor de almas pessoal. [...] Seja dirigida a uma igreja local, seja [...] a uma senhora cristã [...], é por amor a cada pessoa, individualmente, e pela qual tem grande interesse que ele envia esta carta".*

A. Plummer

### **I – Posição Singular no Cânon**

Juntamente com 3ª João, esta breve epístola é o único registro que temos da preciosa correspondência pessoal de um dos santos mais queridos da igreja primitiva, o apóstolo João.

Por vezes, os cristãos se perguntam quão "abertos" ou "reservados" devem ser em relação a outros, especialmente aos irmãos na fé. A segunda e a terceira epístolas de João respondem a essa pergunta bastante prática. A segunda epístola mostra a importância de manter nossa casa (ou congregação) fechada para os hereges; 3ª João incentiva os cristãos a abrirem a porta de sua casa para pregadores itinerantes e missionários.

### **II – Autoria**

As evidências externas em favor de 2ª João são menos expressivas que aquelas em favor de 1ª João, sem dúvida por causa de sua concisão e de seu caráter pessoal. Ireneu a cita, mas, como vários outros, a considerava parte de 1ª João (a divisão de capítulos e versículos só foi feita séculos depois). Orígenes tinha suas dúvidas acerca desta epístola, mas Clemente e Dionísio, ambos de Alexandria, citam-na como de autoria joanina. Cipriano refere-se especificamente ao versículo 10 como palavras do apóstolo João.

As evidências internas consistem na correspondência entre o estilo e o vocabulário desta carta e os do evangelho de João e as primeira e terceira epístolas. Apesar de 2ª e 3ª João não começarem como 1ª João, são tão semelhantes que poucos se dispõem a negar que todas são provenientes do mesmo autor e foram escritas, ao que tudo indica, na mesma época.

Não existem motivos convincentes para duvidar da atribuição tradicional de 2ª João ao apóstolo (cf. mais detalhes na introdução a 1ª João).

### **III – Data**

Como no caso de 1ª João, temos duas possibilidades. A primeira é de uma data mais antiga (década de 60 d.C.) anterior à destruição de Jerusalém. A segunda é de uma data mais recente (85-90 d.C.). No primeiro caso, a epístola provavelmente foi enviada de Jerusalém; no segundo caso, de Éfeso, onde o apóstolo idoso passou seus últimos dias.

### **IV – Contexto e Tema**

O contexto desta epístola é o ministério amplamente difundido de pregadores itinerantes na igreja primitiva, ainda praticado hoje em alguns meios. Evangelistas e ministros da Palavra eram acolhidos nas congregações e lares que visitavam e dos quais recebiam alimento e, por vezes, dinheiro. Infelizmente, falsos mestres e charlatães religiosos não hesitavam em usar esse costume como forma de obter lucro fácil e propagar heresias como o gnosticismo (cf. Introdução a 1ª João).

Se já era necessário advertir acerca de hereges e "aproveitadores religiosos" no século I, o que o apóstolo João diria se visse a miscelânea de falsas religiões e seitas de nossos dias?

O tema central de 2ª João é a importância de não cooperar com alguém que espalha doutrinas falsas acerca da Pessoa de nosso Senhor (v. 10-11).

### **V – Esboço**

I - A saudação do apóstolo: graça, misericórdia e paz (v. 1-3)

II - A alegria do apóstolo: filhos obedientes (v. 4)

III - A ordem do apóstolo: andar em amor (v. 5-6)

IV - A preocupação do apóstolo: os enganadores (v.7-11)

V - A esperança do apóstolo: uma visita pessoal (v. 12-13)

## **3ª JOÃO**

### **Introdução**

*“Este vislumbre final da vida cristã na era apostólica presta-se, em sua totalidade, a um estudo mais demorado. As circunstâncias aqui retratadas estão longe do ideal, mas dão testemunho da liberdade e vigor de uma fé em crescimento”.*

B. F. Westcott

### **I – Posição Singular no Cânon**

Até mesmo 3ª João, o livro mais curto do NT (com apenas um linha a menos que 2ªJoão no original) ilustra a doutrina segundo a qual *"toda a Escritura é [...] útil"* (2Tm. 3.16). Como 2ª João, suas palavras-chave são amor e verdade. Diferentemente de 2ª João, que mostra a firmeza do amor na recusa em oferecer hospitalidade àqueles que não ensinam a verdade, 3ª João mostra a ternura do amor na ajuda oferecida àqueles que se dedicam à propagação da verdade.

### **II – Autoria**

As evidências externas em favor de 3ª João são semelhantes às de 2ª João. Estas cartas são tão breves e pessoais que é fácil entender a falta de uma atestação tão ampla quanto a de 1ª João.

Orígenes e Eusébio classificaram 3ª João como anti-legomena, ou seja, parte dos livros controversos. Clemente e Dionísio, ambos de Alexandria, bem como Cirilo de Jerusalém, aceitavam 3ª João.

As evidências internas associam esta carta de modo bastante próximo a 2ª João e também, claramente, a 1ª João. Juntas, as três epístolas corroboram a autenticidade umas das outras.

Não há nenhum motivo convincente para duvidar da visão tradicional de que o apóstolo João escreveu 3ª João juntamente com as outras duas cartas atribuídas a ele.

### III – Data

Como no caso de 1ª e 2ª João, duas datas gerais são propostas para a terceira epístola. Se João escreveu de Jerusalém antes da destruição da cidade, a carta pode ser datada da década de 60 d.C. Em geral, porém, os estudiosos costumam datar a carta do período posterior durante o qual João viveu e ministrou em Éfeso, isto é, por volta de 85-90 d.C.

### IV – Contexto e Tema

O contexto histórico desta carta sucinta nos permite ver de forma rápida, porém clara, a vida da igreja na segunda metade do século I. Com apenas algumas linhas de sua pena, o apóstolo esboça três personagens: Caio, homem hospitaleiro e espiritual; Demétrio, homem de caráter louvável; e Diótrefes, homem egoísta e desamoroso. Diótrefes talvez ilustre a personalidade forte e obstinada que aparece em toda a congregação. Em contrapartida, é possível que aponte para a tendência de um presbítero adquirir primazia dentro de um conselho constituído, anteriormente, por presbíteros com o mesmo nível de autoridade. Essa tendência se transformou no "episcopado monárquico" (governo de um presbítero ou bispo dominante) observado no governo eclesiástico a partir do século II.

### V – Esboço

- I. Saudação (v. 1-4)
- II. Gaio: homem piedoso (v. 5-8)
- III. Diótrefes: líder tirano (v. 9-11)
- IV. Demétrio: cristão devoto (v. 12)
- V. O plano e a bênção do apóstolo (v. 13-14)

## JUDAS

### Introdução

*“Uma epístola de poucas linhas, mas repleta de palavras poderosas de graça celestial”.*

Orígenes

### I – Posição Singular no Cânon

Assim como Lucas iniciou a história cristã com Atos dos Apóstolos, Judas foi escolhido para escrever o penúltimo livro do NT, que poderia ser chamado, apropriadamente, de "Atos dos Apóstatas". Judas teria preferido escrever sobre a fé cristã compartilhada por ele e seus leitores, mas os falsos ensinamentos se difundiam de tal modo que ele se viu compelido a redigir uma exortação para batalharem *"diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos"*.

Judas fala com total franqueza e não mede esforços para desmascarar esses famigerados hereges. Emprega ilustrações da natureza, do AT e da tradição judaica (Enoque) para encorajar os fiéis.

Apesar de sua linguagem severa, Judas é um texto primoroso, entremeado de tríades (p. ex., os três males do v. 11) e descrições vívidas e inesquecíveis dos apóstatas.

A igreja tem uma dívida eterna para com Judas pela bênção magnífica com a qual ele encerra esta carta. Ainda que breve, ela é essencial em nossos tempos de apostasia crescente.

## **II – Autoria**

### ***Evidências externas***

Apesar da concisão, do uso de material extracanônico e do fato de não ter sido escrita por um apóstolo (v. 17), Judas apresenta atestação mais ampla no tocante às evidências externas que 2ª Pedro.

Hermas, Policarpo e, provavelmente, Atenágoras tomaram material emprestado desta epístola. Tertuliano se refere de forma específica ao uso que Judas fez de Enoque. Eusébio classifica Judas entre os livros controversos (*antilegomena*). O cânon muratoriano inclui Judas como livro autêntico.

### ***Evidências internas***

Judas (uma variação do nome Judá, hebraico *Yehudah*) era um nome judeu bastante comum. Dos sete Judas mencionados no NT, três são sugeridos como "Judas [...] irmão de Tiago" e autor desta epístola:

1. O apóstolo Judas (não Iscariotes, que cometeu suicídio). Uma vez que o versículo 17 parece diferenciar o autor dos apóstolos, ainda que uma associação com eles pudesse fortalecer sua posição, o apóstolo Judas é um candidato improvável.

2. Judas, líder enviado a Antioquia com Paulo, Barnabé e Silas (At. 15.22). É uma possibilidade, mas não há nenhuma evidência que o associe a esta carta.

3. Judas, um dos meio-irmãos mais novos de nosso Senhor e irmão de Tiago (cf. introdução a Tiago) é o candidato mais forte. Como o Senhor Jesus e Tiago, ele usa ilustrações da natureza e tem um estilo enérgico e vívido. Aceitamos a atribuição da epístola a ele.

Como seu irmão Tiago, Judas era humilde demais para explorar seu parentesco natural com o Salvador. Afinal, é o relacionamento espiritual com o Senhor Jesus que conta. Não foi Cristo quem disse: "*Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe*" (Mt. 12.50)? E, em outra ocasião, ensinou que era mais bem-aventurado o que ouve a palavra do Pai e a pratica do que o parente consanguíneo próximo do Filho (Lc. 11.27-28). Como Tiago, Judas assume a posição de "servo", uma atitude apropriada, tendo em vista que os dois irmãos só creram em seu Meio-Irmão divino depois da ressurreição. Judas era casado e sua esposa o acompanhava nas viagens missionárias (1ª Coríntios 9.5). Os netos de Judas foram levados perante o imperador Domiciano na década de 90 d.C. e acusados de serem cristãos. Ao ver as mãos deles calejadas por anos de trabalho na lavoura, o imperador os libertou, considerando-os apenas judeus inofensivos.

## **III – Data**

Não há como afirmar categoricamente se Pedro tomou emprestado do texto de Judas ou se Judas adaptou 2ª Pedro (ou ainda, se ambos usaram uma fonte comum). As semelhanças entre as duas epístolas são grandes demais para serem consideradas coincidências. Pedro diz em sua segunda epístola (2.1; 3.3) que "haverá" falsos mestres e escarnecedores, e Judas diz que esses homens "se introduziram" na igreja (v. 4). É provável, portanto, que Judas tenha escrito sua epístola mais tarde, talvez entre 67 e 80 d.C. A ausência de qualquer menção sobre a destruição de Jerusalém (70 d.C.) pode sugerir que a epístola de Judas tenha sido escrita antes desse acontecimento, provavelmente entre 67-70 d.C. Pode indicar, ainda, que Jerusalém já havia sido destruída há algum tempo (caso a epístola tenha sido escrita em 80 ou mesmo 85

d.C, supondo que Judas viveu tanto tempo). Outra possibilidade é que o acontecimento fosse traumático demais para ser usado como ilustração por um cristão judeu.

#### **IV – Contexto e Tema**

O tema central de Judas é a apostasia. Mesmo em seu tempo, a igreja do Senhor já enfrentava a infiltração de quinta-colunistas religiosos, homens que se faziam passar por servos de Deus. Na realidade, porém, eram inimigos da cruz de Cristo. O objetivo de Judas é desmascarar esses traidores e descrever seu destino final.

O apóstata é uma pessoa que professa ser um cristão verdadeiro, mas que, na verdade, nunca foi regenerado. Pode ser batizado e participar plenamente de todos os privilégios de uma congregação, mas depois de algum tempo toma a decisão afrontosa de abandonar a fé e negar o Salvador. Nega a divindade de Cristo, sua obra redentora no Calvário, sua ressurreição física ou outras doutrinas fundamentais.

Não se trata de abandonar a fé, pois o apóstata nunca foi convertido. Não vê nenhum problema em rejeitar deliberadamente o único caminho oferecido por Deus para a salvação. É endurecido na incredulidade e obstinado na oposição ao Cristo de Deus.

A apostasia não consiste apenas em negar o Salvador. Pedro, um verdadeiro cristão, cedeu sob a pressão de uma crise e negou Jesus. Ainda assim, amava ao Senhor verdadeiramente e demonstrou que sua fé era real por meio do arrependimento e da restauração subsequentes.

Judas Iscariotes era apóstata. Professava ser discípulo, por conviver cerca de três anos com Jesus. Chegou até a servir como tesoureiro do grupo, mas, por fim, revelou sua verdadeira natureza ao trair o Senhor por trinta moedas de prata.

A apostasia é um pecado que conduz à morte e está além das responsabilidades de oração do cristão (1ª João 5.16b). É impossível restaurar um apóstata por meio do arrependimento, uma vez que ele crucifica para si mesmo o Filho de Deus e o expõe à ignomínia (Hb. 6.6). Para aqueles que pecam deliberadamente, depois de terem recebido o conhecimento da verdade *"já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários"* (Hb. 10.26-27).

As sementes da apostasia já haviam sido lançadas na igreja primitiva. Paulo advertiu os presbíteros efésios que depois da partida dele lobos vorazes apareceriam e não poupariam o rebanho; do meio dos próprios efésios surgiriam homens falando coisas pervertidas para granjear discípulos (At. 20.29-30). Em sua primeira epístola, João fala dos anticristos que haviam feito parte da comunhão cristã, mas que manifestaram sua falsidade ao deixá-la, ou seja, ao abandonar a fé (1ª João 2.18-19).

De acordo com 2ª Tessalonicenses 2.2-4, o Dia do Senhor será antecedido de grande apostasia. A nosso ver, os acontecimentos se darão na seguinte sequência:

Primeiro, o Senhor virá nos ares para levar a Igreja à casa do Pai (Jo. 14.1-3; 1Ts. 4.13-18).

Em seguida, haverá apostasia geral da parte dos cristãos nominais que ficaram para trás.

O homem de iniquidade surgirá no cenário mundial.

Então, terá início o Dia do Senhor, o período de sete anos de tribulação.

O homem de iniquidade será o maior dos apóstatas. Além de se opor a Cristo, exigirá ser adorado como se fosse Deus.

Pedro fornece uma descrição detalhada dos falsos mestres apóstatas que surgirão nos últimos dias (2Pe. 2). Encontramos paralelos próximos entre sua descrição e a de Judas. Podemos observar as semelhanças por meio da seguinte comparação:

JUDAS	2ª PEDRO
v. 4	2:1-3
v. 7	2:6
v. 8	2:10
v. 9	2:11
v. 10	2:12
v. 16	2:18

Na verdade, porém, as diferenças entre as duas passagens são mais expressivas que as semelhanças. Judas não menciona Noé, o dilúvio ou Ló. Pedro não fala dos israelitas que foram tirados do Egito, de Miguel, Caim, Corá, nem da profecia de Enoque. Não fornece tantas informações quanto Judas sobre os anjos que pecaram. Diz que os falsos mestres negaram o Senhor que os comprou, enquanto Judas explica que *"transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo"* (Jd. 4).

Em vez de considerar os dois capítulos simples cópias, devemos entender que o Espírito Santo selecionou conteúdos coerentes com seus propósitos, em cada caso, e que a sobreposição entre os dois capítulos pode não ser tão extensa quanto parece inicialmente. O estudo dos quatro evangelhos e a comparação das epístolas de Efésios e Colossenses revelam que o Espírito de Deus não se repete desnecessariamente. As semelhanças e diferenças sempre apresentam significados espirituais implícitos e podem ser vistos por quem se mostra disposto a vê-los.

#### V – Esboço

I – Saudação (v. 1-2)

II – Os apóstatas são desmascarados (v. 3-16)

III – O papel do cristão em meio à apostasia (v. 17-23)

IV – A bênção magnífica (v. 24-25)

---

#### Bibliografia:

Comentário Bíblico Popular, William MacDonald, Editora Mundo Cristão, 1ª edição, setembro de 2008, S. Paulo.

Bíblia de Estudos Apologética